

Identidade e diferença. A Fundação de toda a doutrina da ciência no espelho das exposições tardias de Fichte de sua filosofia transcendental

Identity and difference. The foundation of the entire doctrine of science in the mirror of Fichte's late expositions of his transcendental philosophy

Günter Zöller
 Ludwig-Maximilians-Universität München
 zoeller@lmu.de

Tradução de Francisco Augusto de Moraes Prata Gaspar – UFSCar

Resumo: Ante o duplo pano de fundo da história de recepção e da autointerpretação da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, o objetivo das reflexões que se seguem é examinar a grandeza e os limites do texto mais famoso e influente de Fichte – justamente a exposição impressa da doutrina da ciência de 1794/95 –, no contexto da própria avaliação de Fichte tanto da própria obra quanto do desenvolvimento da doutrina da ciência. Além da questão das diferenças doutrinárias e das modificações metodológicas nas sucessivas exposições da doutrina da ciência, deve ser dada especial atenção à reflexão meta-filosófica de Fichte sobre a forma da teoria e a figura comunicativa da doutrina da ciência.

Palavras-chave: Fichte; doutrina da ciência; exposição; eu; absoluto.

Abstract: Against the dual backdrop of reception and self-interpretation of the *Foundations of the entire doctrine of science*, the aim of the following considerations is to explore the greatness and limitations of Fichte's most famous and influential text – the printed presentation of the doctrine of science from 1794/95 –, in the context of Fichte's own assessment of both the work itself and the development of the doctrine of science. In addition to the question of doctrinal differences and methodological modifications in the successive presentations of the doctrine of science, particular attention will be paid to Fichte's meta-philosophical reflection on the theoretical form and communicative structure of the doctrine of science.

Keywords: Fichte; doctrine of science; presentation; I; Absolut.

“A doutrina da ciência, porém, não é de forma alguma um livro impresso: mas é um pensamento vivo, a ser produzido eternamente de novo e fresco, que se expressa de forma diferente sob toda condição diferente de tempo e comunicação” (GA II/9:181).

A *Fundação de toda a doutrina da ciência* ocupa, sob vários aspectos, uma posição especial na obra de Fichte: como a primeira e única versão impressa da *philosophia prima* (“doutrina da ciência”), como a primeira de dezessete apresentações sucessivas da doutrina da ciência e como a única versão publicada pelo próprio Fichte. Com isso, o texto de 1794/95 não está apenas no início do filosofar de Fichte, mas ele se encontra – pelo menos para aqueles contemporâneos que não estavam familiarizados com suas sucessivas apresentações orais posteriores – no centro da confrontação com a obra de Fichte. Mesmo, porém, para os leitores posteriores de Fichte, aqueles que conhecem as obras póstumas de Fichte na edição de seu filho de meados do século XIX e na edição crítica completa da Academia Bávara das Ciências da segunda metade do século XX, permanece a antiga *Grundlage*, enquanto a única versão impressa da doutrina da ciência autorizada por Fichte, o principal texto de referência para a confrontação crítica e comparativa da doutrina da ciência de Fichte na unidade e diversidade de suas muitas formas e diferentes versões.

Mesmo para o próprio Fichte, a *Fundação de toda a doutrina da ciência* de 1794/95 constitui até o fim o ponto de referência literário da sua continuada elaboração da doutrina da ciência. Em toda autocritica à versão inicial, desde o início exteriorizada por Fichte, remete ele continuamente à primeira e única versão publicada – primeiro, como o substituto temporário da versão revisada da doutrina da ciência, planejada para publicação, e, por fim, como o substituto equivalente e funcional para a versão impressa, de fato abandonada, da exposição posterior da doutrina da ciência.

Ante o duplo pano de fundo da história de recepção e da autointerpretação da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, o objetivo das reflexões que se seguem é examinar a grandeza e os limites do texto mais famoso e influente de Fichte – a exposição impressa da doutrina da ciência de 1794/95 – no contexto da própria avaliação de Fichte do desenvolvimento da doutrina da ciência. Além da questão das diferenças doutrinárias e das modificações metodológicas nas sucessivas exposições da doutrina da ciência, deve ser dada especial atenção à reflexão proto- e meta-filosófica de Fichte sobre a forma da teoria e a figura comunicativa da doutrina da ciência. Em particular, deve ser levada em conta a função metodológico-medial de variabilidade, serialidade e oralidade na exposição da doutrina da ciência.

1. Os primórdios da doutrina da ciência

A doutrina da ciência de Fichte surgiu na órbita da filosofia crítica de Kant e sob a influência dos imediatos debates pós-kantianos. Em particular, o surgimento da doutrina da ciência reflete o programa, em grande parte iniciado por Karl Leonhard Reinhold, de fundação da filosofia partindo de um princípio primeiro e certo nele mesmo (“filosofia do princípio”). No entanto, após a crítica, apresentada principalmente por Gottlob Ernst Schulze (“Aenesidemus-Schulze”), ao próprio projeto de Reinhold de uma filosofia elementar que parte do “Princípio da Consciência” [*Satz des Bewusstseins*], ao qual se liga Fichte em um trabalho inicial (“Resenha de Enesidemo”) (GA I/2:31-67; ver também GA II/3:21-177), Fichte desloca a fundamentação da filosofia do nível dos fatos elementares da consciência para o nível das condições subjetivo-universais pré- e extraconscientes da consciência de objeto assim como da consciência de si (“intuição intelectual”, “*Tathandlung*”) (GAI/2:48, 57; GAI/2:46, 255).

Adicionalmente, o jovem Fichte expande o recurso de Reinhold a um primeiro princípio absoluto a uma constelação triplicitária de princípios, aos quais correspondem respectivamente ações fundamentais – distintas, mas correlacionadas – pré- e extraconscientes do sujeito (“pôr”) (GA I/2:47, 256), as quais somente juntas e como um todo tornam possível, por princípio, o surgimento de todos os tipos de consciência e seus objetos. Por fim, Fichte expande o foco, presente em Reinhold, na consciência cognitiva (“representação”) em direção à fundamentação do agir prático, de modo que, além do saber teórico ou saber de objeto, entra em cena também o saber prático ou saber da ação como genuíno domínio de objeto da filosofia transcendental (“doutrina da ciência”).

O documento da forma inicial da emergente doutrina da ciência de Fichte são as recentemente descobertas e editadas preleções de Zurique na casa de Lavater no início de 1794 (GA IV/3:19-41 e 47f.) – as quais correspondem em boa parte ao escrito programático de Fichte publicado logo em seguida, *Sobre o conceito da doutrina da ciência ou da assim chamada filosofia* (GA I/2:108-172). A execução do programa previamente formulado na forma de uma primeira elaboração inicial da doutrina da ciência no sentido mais estrito e próprio é fornecida por Fichte, então, ainda no mesmo ano com a *Fundação de toda a doutrina da ciência*. A ocasião externa para a rápida progressão do programa do sistema para o sistema programado é a repentina nomeação de Fichte para suceder Reinhold na Universidade de Jena, o principal local em terras alemãs do original e controverso filosofar pós-kantiano.

Em vez de fazer uso dos manuais de outros autores em suas preleções, como era habitual e muitas vezes até mesmo obrigatório, Fichte decide apresentar, ao longo de dois semestres, a filosofia *qua* doutrina da ciência segundo seu próprio manual, por ele escrito e disponibilizado aos alunos ouvintes, paralelamente à preleção, em remessas separadas – em termos editoriais tratava-se de fascículos. Os fascículos também são oferecidos em duas remessas completas no final de cada semestre. Quem pode encadernar as remessas individuais ou completas, cria, graças às folhas de rosto fornecidas em conjunto, a obra cumulativa completa, a *Fundação de toda a doutrina da ciência* (GA I/2: 249-431).

Para além de seu envio em fascículos ou bipartido, a obra consiste em três partes, os “Princípios de toda a doutrina da ciência”, (GA I/2:255-282), a “Fundação do saber teórico” (GA I/2:283-384) e a “Fundação da ciência do prático” (GA I/2:385-451). As extensas notas de Fichte intituladas “Meditações próprias sobre a filosofia elementar” [*Eigne Meditationen über ElementarPhilosophie*] (GA II/3:21-177) e “Filosofia prática” [*Practische Philosophie*] (GA II/3:181-266), que datam de 1793/94, podem ser consideradas como um estágio preliminar para a segunda e terceira partes. Entretanto, esse estágio preliminar da doutrina da ciência só foi publicado em 1971 como parte da *Edição Completa de J. G. Fichte* da Academia Bávara das Ciências.

Característico da primeira e única apresentação publicada da doutrina da ciência é a apresentação exteriormente separada e sucessiva dos princípios da doutrina da ciência, da sua parte teórica e da sua parte prática. Desde o início, recebe atenção especial e extensa crítica a primeira parte da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, com seu sistema da tríplice ação de pôr [*dreifachen Setzungsleistungen*] do puro sujeito do saber (“o eu”), que, de acordo com o primeiro princípio, pôe a si mesmo pura e simplesmente (“o eu absoluto”), de acordo com o segundo princípio, então, opõe-se de modo igualmente incondicional a um objeto em geral (“o não-eu”), e, dessa forma, torna-se ele mesmo um sujeito limitado (“o eu finito”) para, sob a diretriz do terceiro princípio, pôr-se a si mesmo e o objeto em geral como compostos (“divisíveis”). A constelação cooperativa do eu que põe a si (e posto por si), que contrapõe (e contraposto) e compõe (e composto), se desdobra nas partes subsequentes da *Fundação de toda a doutrina da ciência* na diferença do sujeito que pode conhecer (“o eu teórico”) e do sujeito que quer agir (“o eu prático”). No primeiro, o eu se põe como determinado pelo não-eu, no segundo como determinando o não-eu (confirmando os princípios).

A relação do eu teórico com o eu prático – e, com isso, da parte teórica da *Fundação de toda a doutrina da ciência* com sua parte prática – se revela, de resto, como uma relação de pressuposição factual e condição lógica. O eu não pode pôr o ser-determinado puramente passivo de si pelo não-eu que aparentemente reina no conhecer, sem também pôr a si mesmo como ativamente-determinante e precisamente nas tais relações aparentemente passivas do ser-determinado. Passividade se revela como uma atividade diminuída, receptividade como uma espontaneidade oculta, delimitada. Por trás do ser-determinado do sujeito pelos objetos, emerge assim o determinar-a-si-mesmo ao ser-determinado. Em sua formulação doutrinária, não há realismo sem idealismo (“real-idealismo”, “ideal-realismo”) (GA I/2:412). Enquanto único resquício da realidade não-posta, mais precisamente, posta como não-posta, permanece na parte teórica da *Fundação de toda a doutrina da ciência* a experiência fundamental de resistência (“travo” [*Anstoß*]) (GA I/2:356), que,

no entanto, não deve ser representada como um ser-impelido do eu pelo exterior de si, mas como o impelir do eu aos limites de sua atividade (primeira) principal infinita.

A superação da finitude travada [*anstößigen*] do eu, exigida no interesse de um eu puro, determinado inteira e totalmente por si mesmo e somente por si mesmo, ocorre então na terceira parte da *Fundação de toda a doutrina da ciência* e incide, com isso, na esfera da atividade prática do eu, por meio da qual o não-eu como tal é por princípio determinado e concretamente diminuído. Nisto, a segunda parte, a teórica, e a terceira, a prática, da *Fundação de toda a doutrina da ciência* estão relacionadas entre si de tal forma que o ser-determinado teórico do eu finito pelo não-eu se mostra impossível sem o (a ser pressuposto) ser-determinado prático do não-eu pelo eu finito (“primado da razão prática sobre a teórica”) (GA I/2: 64, 399).

As determinações fundamentais do eu prático são, na *Fundação de toda a doutrina da ciência*, o impulso como impulso à ação junto com suas modificações enquanto impulso fundamentalmente frustrado (“esforço”, “anseio”, “sentimento”, “sensação”) (GA I/2: 181, 431). Apesar de todo detalhamento sistemático e especificidade doutrinária, a parte final da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, seguindo nisto o curso da preleção que lhe está na base, não atinge o conceito fundamental do prático, que se tornaria o centro de interesse na elaboração posterior da doutrina da ciência, e isso mesmo em proximidade temporal imediata com a *Fundação de toda a doutrina da ciência* – o conceito de vontade, ou também de querer, como a contrapartida objetiva e o *prius* sistemático ao conceito do pensar e do conhecer da parte teórica da obra.

2. Da primeira à nova exposição da doutrina da ciência

Depois de um capítulo sobre a “Teoria da Vontade” (GA I/1:15-123 e 133-162), que havia sido incluído anteriormente na segunda edição (1793) de seu primeiro escrito de filosofia da religião, *Ensaio de uma crítica de toda revelação* (1792) (GA I/1:135-153), Fichte empreende a dedução principal e o desenvolvimento sistemático do conceito de vontade e querer, imediatamente após a *Fundação de toda a doutrina da ciência*, no âmbito da aplicação da doutrina da ciência aos domínios filosóficos, programaticamente previstos, de natureza, direito, moral e religião. Enquanto em Jena a doutrina da natureza e a doutrina da religião, por razões externas (“Querela do Ateísmo”), foram tratadas apenas fragmentariamente em preleções e publicações, Fichte publicou, no imediato contexto das respectivas preleções sobre filosofia do direito e filosofia moral, o *Fundamento do direito natural* (1796/97) (GA I/3: 311-460 e GA I/4:3-165) e o *Sistema da doutrina dos costumes* (1798) (GA I/5:19-317), ambos explicitamente caracterizados como conforme os “princípios da doutrina da ciência” (GA I/3:311 e GA I/5:19).

No primeiro plano da fundamentação filosófico-transcendental fichteana do direito natural está a relação livre de reciprocidade entre sujeitos plurais, que são Eu e Tu um para o outro e devem se respeitar e tratar um ao outro como tais (“interpelação” [Aufforderung], “reconhecimento”) (GA I/3:342 e GA I/3:351, 355). Em contraste, a fundamentação filosófico-transcendental fichteana da moral discute a relação marcada pela identidade essencial do querer “puro”, livre da experiência, e um querer livre de todos fins alheios que se esforça pela liberdade em vista dela mesma e busca realizá-la. Ao aplicar a doutrina da ciência genérica (“doutrina da ciência in specie”) (GA II/8:376) a domínios objetuais especificamente diferentes, Fichte integra a doutrina temática (doutrina do direito, doutrina da moral) com a marcha de fundamentação a partir de princípios da doutrina da ciência. Faticamente, isso leva à preparação formal das doutrinas temáticas materiais do direito (“direito natural”) e da ética (“moral”) por meio da doutrina fundamental filosófico-transcendental do querer e do agir racionais livres, em cujo centro está a dedução da somaticidade (“corpo”) (GA I/3: 365, 376) e da socialidade (“comunidade”, “coletividade” [*Gemeinschaft, Gemeinde*]) (GA I/3:320 e GA I/5:229f.) do eu.

No entanto, as doutrinas do Direito e dos Costumes impressas de Jena não apenas expandem a concepção e a doutrina da anteriormente publicada *Fundação de toda doutrina da ciência* em direção a todo um repertório

de conceitos e doutrinas fundamentais especificamente práticos que, indo muito além dos termos genéricos de impulso e esforço, fornecem uma autêntica doutrina da vontade e uma teoria da ação na tradição da antiga *philosophia practica universalis*. Também de uma perspectiva metodológica, o *Fundamento do direito natural* e o *Sistema da doutrina dos costumes* vão tanto clara quanto decididamente além do horizonte da *Fundação de toda doutrina da ciência*. A doutrina da ciência aplicada ao direito e à moral renuncia, desse modo, à utilização arquitetônica de um conceito artificial-abstrato do fundamento último de todo pôr e opor (“o eu absoluto”), renuncia à formulação de primeiros princípios representados separadamente e à sistemática do estabelecimento sucessivo e da resolução gradual de contradições (dialética) (GAI/2:403f.), que serve à limitação crescente das relações de oposição em favor de sua compatibilização complexamente condicionada. Em seu lugar entram em cena nas doutrinas do Direito e da Moral de Jena de Fichte o início com o eu concreto-individual a ser revelado de acordo com sua possibilidade fundamental, a exposição integrada de princípio e principiado e o recurso extensivo a formas de procedimento da geometria clássica (“tarefa”, “postulado”, “solução”, “definição”, “prova”, “corolário”, “teorema”).

De modo geral, portanto, a ligação com a doutrina da ciência reivindicada no título das doutrinas jenenses de Fichte do direito e dos costumes (“conforme os princípios da doutrina da ciência”) não se refere de fato à *Fundação de toda a doutrina da ciência* publicada anteriormente, de cuja marcha e procedimento a doutrina da ciência aplicada se desvia em muitos aspectos. Antes, o *Fundamento do direito natural* e o *Sistema da doutrina dos costumes* já pertencem ao círculo sistemático da “nova exposição da doutrina da ciência”, a qual, sob o anúncio em latim de “doutrina da ciência *nova methodo*”, Fichte proferiu em Jena anualmente a partir do semestre de inverno de 1796/7, em um total de três vezes, até sua partida forçada em decorrência da assim chamada querela do ateísmo.

No entanto, Fichte interrompeu a impressão da nova versão de sua *prima philosophia* (1797/98), que ele havia começado sob o título de “Ensaio de uma nova exposição da doutrina da ciência”, novamente devido às consequências da controvérsia sobre seu suposto ateísmo, após a extensa seção introdutória (“[Primeira] Introdução”, “Segunda Introdução”) e um primeiro capítulo (GAI/4:183-281). Como os planos posteriores de imprimir a nova exposição, que Fichte já havia preparado em vista das preleções e que ele havia anotado em “cadernos”, hoje perdidos, também acabaram sendo abandonados, a *Doutrina da ciência nova methodo* permaneceu desconhecida para além do público das respectivas três palestras e, portanto, também sem influência ou efeito. Foi somente a descoberta de várias transcrições de lições da *Doutrina da ciência nova methodo*, no início e no final do século XX, seguida de sua publicação (1937, 1982/1994, 1978, 2000), que tornou a Nova Exposição da Doutrina da Ciência dos anos 1796-1799 objeto de pesquisa sistemática e comparativa e a estabeleceu como uma versão alternativa bem-sucedida à primeira doutrina da ciência.

Assim como as doutrinas do direito e dos costumes publicadas, a *Doutrina da ciência nova methodo*, que está disponível em duas transcrições completas transmitidas a nós (“*Nachschrift Halle*”, “*Nachschrift Krause*”) (GA IV/2:17-267 e GA IV/3:323-524, bem como 527-535), segue uma metodologia que se desvia da *Fundação de toda a doutrina da ciência*. Em vez de princípios abstratos em conjunto com a mediação dialética dos opostos neles implícitos, a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência” pratica uma abordagem narrativo-reconstrutiva dos princípios do saber⁶, na qual as peças de determinação cada vez mais específicas e concretas da autoconsciência possível são reunidas em uma progressão linear (“dedução”). O ponto de partida, assim, não é o sujeito universal incondicionado como tal (“o eu absoluto”), mas sim a consciência individual tanto de si mesma quanto do mundo objetivo, a partir da qual se ascende primeiro ao princípio da subjetividade como tal, para então – na direção oposta e com o propósito de confirmar a análise anterior – retornar do eu-princípio para o eu principiado.

Desviando-se da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, que apreende o princípio do saber em sua forma genérica como um fundamento pré-disjuntivo tanto do saber teórico como do prático, o princípio da *Doutrina*

da ciência nova methodo é articulado em perspectiva prática – como um “querer puro” indeterminado-universal ou “vontade pura” (GA IV/3:182, 184). No entanto, na “Nova Exposição”, o querer, elevado à forma e função de um primeiro princípio, é cunhado tanto teórica quanto praticamente – como um conhecimento absolutamente certo de um Dever-Incondicionado [*Unbedingt-Gesollten*], que, num mesmo golpe, também se torna voluntativamente efetivo com sua apreensão cognitiva.

Dividida em uma primeira metade que ascende do eu individual ao querer puro e uma segunda metade que descende do querer puro de volta ao eu individual, a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência” integra a constituição fundamental do saber e do querer em uma narrativa quase cronológica, de história da subjetividade (“história pragmática do espírito humano”) (GA I/2:365), que reconduz diferença à diferenciação e articulação a desenvolvimento. Na verdade, porém, trata-se de uma ordenação que surge instantaneamente (“em um golpe”) (GA II/9:301), que somente na reflexão filosófica (“para o filósofo”) (GA I/4:213; ênfase no original), portanto, reconstrutivamente e, nessa medida, artificial e formalmente fictícia, é submetida a uma exposição temporalmente dilatada⁷.

A integração radical, visada pela primeira vez na “Nova exposição da doutrina da ciência”, do eu principal *qua* querer puro e do eu principiado *qua* autoconsciência prática encontra sua continuação sistêmico-arquitetônica no lado do objeto que complementa funcionalmente o lado do sujeito. Metodologicamente inovadora é a integração recíproca do mundo dos objetos do conhecer teórico (“mundo dos sentidos” [*Sinnenwelt*]) e da esfera do conhecer prático e do querer (“mundo dos costumes” [*Sittenwelt*]). Em particular, a *Doutrina da ciência nova methodo* expõe a concatenação quintuplamente estruturada (“período sintético”) (GA IV/3:500 e GA IV/2:247) de eu, pensar, querer, mundo dos sentidos e mundo dos costumes. Partindo do princípio do querer puro, a cadeia transcendental de condições se estende em uma direção empírica, mediante o conhecer teórico, para o mundo das coisas constituídas através deste, e em uma direção noumenal, mediada pelo conhecer praticamente atuante, para o mundo, oriundo deste conhecer, das pessoas agentes e interagentes. Os cinco elementos interligados, ademais, se juntam em um círculo, pela conjunção das extremidades opostas na estrutura de uma relação recíproca, na qual o mundo dos sentidos contribui com a base material para o mundo dos costumes e este último com a forma final para o mundo dos sentidos.

Além das inovações metodológicas e das novas acentuações doutrinárias em relação à *Fundação de toda a doutrina da ciência*, a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência” também introduz uma mudança de dimensão mais metafilosófica, que busca substituir o uso anterior não mediado de conceitos e concepções altamente abstratos (“*Tathandlung*”, “o eu absoluto”) com a direcionada e engenhosa introdução da consciência situada no mundo da vida (“ponto de vista natural”; ‘ponto de vista da vida’) ao nível de reflexão da filosofia transcendental avançada (“especulação”) (GA I/4: 211 nota). A expressão sistêmico-arquitetônica desse repensar por parte de Fichte, que certamente também é motivada pelo mal-entendido generalizado da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, são as extensas seções introdutórias recém-inseridas da “Nova Exposição”, uma das quais (“Introdução”) (GA I/4: 186-208) destina-se especificamente a um público filosoficamente imparcial, e a outra (“Segunda Introdução”) (GA I/4:209-244) especificamente “para leitores que já possuem um sistema filosófico” (GA I/4:209).

Também pertencem ao círculo das pretendidas tentativas de mediação da doutrina da ciência sua popularização e divulgação por meio de escritos especialmente redigidos para complementar e elucidar – dentre eles, o tratamento didático do procedimento da doutrina da ciência no escrito metodológico, concebido como uma coleção de lições, *Comunicado claro como o sol ao grande público sobre a essência da mais recente filosofia* (1801) (GA I/7:183-268), e o tratado *A destinação do homem* (1800) (GA I/6:183-311), concebido como um escrito de reflexão e edificação. Com a última publicação em particular, Fichte responde ao mal-entendido desenfreado da primeira doutrina da ciência, ao encenar dramaticamente a recepção corrente da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, reduzida apenas às duas primeiras partes, com a exclusão da parte prática, como

momento de um caminho de formação que, então, intencionalmente conduz para além do conceito do saber teoricamente restrito em direção à ciência do prático popularmente refuncionalizada, que doravante é exposta como doutrina da crença na vontade racionalmente boa que é escolhida voluntariamente.

3. Das primeiras às exposições tardias da doutrina da ciência

Inicialmente, mesmo após a perda de seu cargo de professor e sua subsequente partida de Jena para Berlim, Fichte manteve seu plano de publicar em forma de livro a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência”, já existente em extensas notas. No entanto, em 1802, cinco anos após a primeira conferência em Jena da *Doutrina da ciência nova methodo*, vem a lume não a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência” posta em vista pelo próprio Fichte mais de uma vez, mas uma segunda edição da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, publicada em duas edições concorrentes por diferentes editoras. O editor da primeira edição da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, Gabler, em Leipzig, publicou uma reimpressão com poucas alterações, sobre a qual havia estado anteriormente em negociações com Fichte, sem que – pelo menos de acordo com o relato de Fichte sobre os fatos na controvérsia da publicação subsequente – um contrato válido tivesse sido concluído. Simultaneamente, vem a lume pela editora Cotta, em Tübingen, uma segunda edição da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, autorizada pelo autor, com alterações feitas por Fichte na primeira edição, que consistem principalmente em notas explicativas adicionais. Uma cópia manuscrita da primeira edição, na qual Fichte havia inserido correções e alterações, que puderam ainda ser levadas em conta na nova edição da *Fundação de toda a doutrina da ciência* no âmbito da edição das *Obras Completas [Sämtliche Werke]* (1845/46) organizada pelo filho de Fichte, tem de ser considerada nesse ínterim como perdida.

O fato de Fichte finalmente não ter publicado a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência”, que era mais compreensível e cativante do que a maçuda e áspera *Fundação de toda a doutrina da ciência* e que já estava disponível por escrito na forma de suas notas de aula (em “cadernos”) indiretamente fala a favor de sua continuada apreciação da primeira – e única – versão impressa da doutrina da ciência, cujo rigor sistemático e coerência argumentativa Fichte não mais alcançou em nenhuma versão posterior e provavelmente nem se esforçou por isso. Nessa medida, a *Fundação de toda a doutrina da ciência* pode ser considerada pelo próprio Fichte tardio como uma versão escrita permanentemente válida da doutrina da ciência, à qual Fichte continuamente remete para a reprodução exemplar de esclarecimentos conceituais e especificidades doutrinárias. Assim, em um escrito metafilosófico-introdutório à doutrina da ciência, não publicado, de 1806, que leva o inautêntico título de “Relato sobre o conceito da doutrina da ciência e seu destino até agora”, afirma-se “que a antiga exposição da doutrina da ciência é boa e suficiente por enquanto” e, além disso, “que a antiga exposição da doutrina da ciência pode ser declarada boa e correta” (GA II/10:29). Como, além da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, nenhuma outra exposição posterior estava disponível para os pretendidos leitores do texto, a referência dessa passagem à versão de 1794/95 é inequívoca.

Em oposição ao constante status da *Fundação de toda a doutrina da ciência* como a versão de referência permanente da doutrina da ciência, a “Nova Exposição da Doutrina da Ciência” da segunda metade da década de 1790 enfrenta após 1800 concorrência interna na forma dos esforços empreendidos por Fichte em Berlim por uma exposição radicalmente modificada da doutrina da ciência. As preleções de Jena da *Doutrina da ciência nova methodo* tinham reagido ao mal-entendido inicial da doutrina transcendental do eu como egoísmo (teórico) e à muito disseminada negligência da parte final da fundação da “ciência do prático”, com modificações metodológicas e esclarecimentos doutrinários. Em contraste, a exposição da doutrina da ciência que se desenvolveu de 1800 em diante é marcada por um contexto radicalmente alterado de recepção e efeitos da doutrina da ciência.

O pano de fundo das inovações expositivas a partir de 1800 é formado, por um lado, pela acusação de ateísmo e niilismo feita à doutrina da ciência – que fica no ar desde a controvérsia de 1798-99, em particular por meio

da intervenção de F. H. Jacobi –, e por outro lado, pela agressiva emergência de concepções de sistema e projetos de sistema filosóficos concorrentes, em particular por Schelling (e Hegel) 13. Fichte reagiu a ambos os desafios com uma reconceitualização radical da doutrina da ciência e, especialmente, de seu conceito de saber. O que permanece inalterado é – em termos neokantianos – a concepção teórico-validacional do saber [*geltungstheoretische Auffassung des Wissens*] como invariante e independente (“absoluta”) das condições contingentes da realização de reivindicações cognitivas de todo tipo. Mesmo depois de 1800, o objeto da doutrina da ciência continua sendo o próprio saber e como tal.

No entanto, ao contrário da forma inicial da doutrina da ciência, incluindo sua “nova exposição” na figura da *Doutrina da ciência nova methodo*, a exposição da doutrina da ciência após 1800 não articula mais o caráter de absolutez do saber exclusivamente na conceptualidade egológica, como uma doutrina do eu (“ponente”) que por princípio possibilita a si mesmo e tudo o mais. Antes, a constituição egóica de princípio do saber é representada após 1800, não como o próprio primeiro princípio, mas como a forma principal (“forma-eu”) (GA II/17:33) que caracteriza essencialmente o saber sem simplesmente coincidir com ele. Fichte também tende, nas exposições tardias da doutrina da ciência, a atribuir traços fundamentais anteriormente atribuídos ao eu ao próprio saber como tal – por ventura, quando agora se trata do saber (absoluto), que ele é “em si mesmo, e para si mesmo ... e absolutamente apenas como saber” e é “como saber absolutamente, o que é, e porque é” (GA II/6:151).

Em uma anotação programática inédita de 1808, que reflete autocriticamente sobre as exposições anteriores da doutrina da ciência, tanto primeiras quanto tardias, para fundamentalmente introduzir a nova formulação no último grupo de exposições (a partir de 1810), o próprio Fichte critica na *Fundação de toda a doutrina da ciência* seu formalismo egológico, ao qual as exposições posteriores (deve ter-se em mente aqui, acima de tudo, as cinco versões [3 realizadas em Berlim, 1 em Erlangen, 1 em Königsberg] de 1804, 1805 e 1807) teriam acrescentado a consideração do eu aquém de sua mera forma (“forma da egoidade”):

[...] se eu mesmo quisesse argumentar contra a antiga exposição da W.L., poderia dizer que nela apenas a forma vazia do eu, o mero e puro eu formal, era levado em consideração, sem responder à pergunta: o que é então esse eu formal, independente dessa forma, em si mesmo? Esse em si mesmo, ao qual a forma do eu é apenas adicionada: eu compreendi mais firmemente nas últimas exposições. (GA II/11:182)

No entanto, aquilo que está subjacente à forma egóica [*ichliche Form*] não é introduzido como pré-egóico [*prä-ichlich*] ou mesmo extra-egóico [*außer-ichlich*], mas como o fundamento proto-egóico [*proto-ichlich*] no e do próprio eu e consiste, para o Fichte mais tardio, na essência do saber (absoluto) como tal: em sua função fundamental como o fundamento de validade de todas as posições egóicas “posteriores”. A primazia do saber para a constituição coordenada do si e do mundo é apreendida pelo Fichte tardio preferencialmente em metáforas óticas (“ver”, “olho”).

O eu (absoluto) *qua* saber (absoluto), no que diz respeito à sua validade incondicional, “absoluta”, é remetido, na obra de Fichte após 1800, sem exceção, a um momento artificialmente isolado de absolutez, que alternadamente é apresentado como “o absoluto”, “o ser”, “o ser absoluto” ou também “Deus” (GA II/8: 10, 242, 118 e 114), sem que, por isso, se trate nesses fatores funcionais do saber, designados com títulos da metafísica geral e especial, de entidades ontológicas no sentido tradicional. Em vez disso, com a reutilização dos termos tradicionais sob condições teóricas filosóficas crítico-transcendentais, Fichte articula a presença de fatores e formas no e do saber que, fundamentalmente, se elevam acima de todo contingente e, portanto, de todo finito, e que se destinam a indicar a absolutez, a infinitude e a universalidade do saber como tal.

A continuidade essencial entre as exposições mais antigas e mais novas da doutrina da ciência – e, com isso, também a contínua validade da *Fundação de toda doutrina da ciência* – se mostra também na rejeição explícita no Fichte mais tardio de um ser pré- e extra-egóico: “Justamente não se deve pôr de antemão nenhum ser

fixo e estável.” (GA II/11:195). Mesmo para o Fichte de depois de 1800, vale “a velha proposição do eu” (GA II/11:195), como ele agora a chama em retrospecto, de acordo com a qual o eu “(põe) a si e, por sua vez, seu próprio ser originária e pura e simplesmente” (GA I/2:261) ou, como diz uma reflexão metafilosófica tardia de Fichte, “que *para mim* nada é, eu o faço pois” (GA II/11:195).

4. As exposições tardias da doutrina da ciência

Diferentemente do caso da primeira exposição da doutrina da ciência na *Fundação de toda a doutrina da ciência* e da “Nova Exposição” na *Doutrina da ciência nova methodo*, não há nenhuma versão autorizada da exposição novamente alterada após 1800 que possa ser colocada ao lado da “antiga” exposição impressa e da primeira “nova” exposição fatalmente desconhecida, como um terceiro tipo de exposição completamente nova. Ao contrário, Fichte expôs repetidamente a doutrina da ciência de maneiras novas e diferentes, de 1800 até imediatamente antes de sua morte, no início de 1814. É verdade que ele se absteve de publicar as exposições tardias em forma de livro, a fim de garantir as condições adequadas para a recepção e o impacto da doutrina da ciência por meio de sua comunicação puramente oral. No entanto, Fichte não renuncia de forma alguma de fixar por escrito a doutrina da ciência com o propósito de elaborá-la, o que lhe aparece necessário em face da complexidade de seu pensamento filosófico. Assim, existem originalmente elaborações detalhadas escritas pela mão de Fichte para todas as palestras comprováveis da doutrina da ciência (das quais, no entanto, alguns textos originais, que ainda estavam disponíveis para I. H. Fichte para sua edição, foram perdidos desde então), e isso também a partir da fase em que Fichte provavelmente não planejara qualquer publicação adicional em livro da doutrina da ciência. Visto dessa forma, não há, propriamente, uma “doutrina não escrita” no Fichte mais tardio, no que diz respeito à doutrina, mas sim a forma de publicização de uma exposição, preparada em forma escrita, mas disseminada oralmente, de uma doutrina fundamental filosófico-transcendental essencialmente idêntica (“oralidade escrita”).

Dos anos tardios de Fichte, nada menos que doze exposições da doutrina da ciência sobreviveram. Depois de uma formulação inicial fragmentária de 1800 (“Nova elaboração da doutrina da ciência”) (GA II/5:319-402), que na verdade não pertence à contagem canônica, há uma versão escrita e apresentada em 1801/02, intitulada “Exposição da doutrina da ciência” (GA I/6:129-324), na qual, pela primeira vez, o próprio saber e como tal é revelado a propósito de seu caráter incondicionado de validade como absoluto (“o saber absoluto”) (GA II/8:338).

Depois de alguns anos de preparação intensiva, Fichte apresentou a doutrina da ciência três vezes em 1804, sendo que o ciclo de conferências intermediário (“A Doutrina da Ciência 1804. 2ª Conferência”) (GA II/8: 2-421, em duas versões impressas em paralelo nas páginas pares e ímpares) se distingue por uma coerência sistemática e elaboração argumentativa especiais. Nas três exposições de 1804 (GA II/7:60-235 “Preleções da W.L. No inverno de 1804”; GA II/8: 2-421 “Doutrina da ciência 1804/2”; GA II/7: 301-368 “3er Curso da W.L.”), o momento absoluto do saber, que anteriormente aparecia sob o título de “eu absoluto”, se encontra enunciado pela primeira vez em uma separação artificial como “o Absoluto” ou “o Ser”. A partir do ano seguinte, duas outras exposições da doutrina da ciência devem ser registradas: “Os princípios da doutrina de Deus, dos costumes e do direito” (GA II/7:378-489) e “Quarta conferência da doutrina da ciência” ou “Doutrina da ciência 1805, ‘Erlangen’” (GA II/9: 179-311).

Depois de uma exposição isolada (“Doutrina da ciência 1807, ‘Königsberg’”) (GA II/11:1-202), os últimos cinco anos da vida de Fichte, que coincidiram com suas atividades de ensino na recém-fundada Universidade de Berlim, viram outras cinco apresentações diferentes da doutrina da ciência (1810, 1811, 1812, 1813 [interrompida], 1814 [interrompida]) (GA II/11: 292-392, GA II/12:143-299, GA II/13:43-179, GA II/15:133-168, GA II/17:319-340), nas quais o momento da validade incondicionada do saber, anteriormente identificado como “o absoluto” ou “o ser”, é preferencialmente firmado como “vida” no sentido infinitivo-ativo da palavra (latim *vivere*) (GA II/10: 119 e GA II/17:14).

Embora o próprio Fichte não tenha fomentado a impressão de nenhuma das doze versões tardias da doutrina da ciência, versões individuais já haviam sido publicadas em meados do século XIX na edição das *Obas Póstumas* (3 volumes, 1834-35) e das *Obras completas* (8 volumes, 1845/46), editadas pelo filho de Fichte. Entretanto, foi somente com a *Edição Completa de J. G. Fichte* da Academia Bávara das Ciências (1962-2012) que a extensão total do trabalho contínuo de Fichte na doutrina da ciência tornou-se visível e todas as exposições da doutrina da ciência legadas do espólio foram editadas criticamente. A exploração filosófica do espólio de Fichte, agora publicado em sua totalidade, em particular do acervo integral das exposições mais tardias da doutrina da ciência, ainda está em seu início. Decerto, há monografias mais recentes sobre versões tardias individuais. Por enquanto, no entanto, não há nenhum estudo comparativo e completo do complexo das obras do espólio da doutrina da ciência no estilo e formato dos trabalhos anteriores decisivos de Martial Guérout (Guérout, 1930) e Xavier Léon (Léon, 1922).

Enquanto as doze versões tardias da doutrina da ciência diferem em parte consideravelmente em terminologia e conceitualidade, as diferenças sistemáticas e metodológicas entre as versões individuais são menos marcantes do que as semelhanças e as diferenças gerais entre elas e as duas versões do período de Jena. Particularmente em contraste com as duas primeiras exposições – a *Fundação de toda a doutrina da ciência* de 1794/95 e a *Doutrina da ciência nova methodo* de 1796/99 – as exposições tardias se aproximam mais para formar um bloco monumental de elaborações que representam e implementam alguns poucos temas, teses e teoremas em reviravoltas sempre novas. A característica estilística filosófica das exposições tardias da doutrina da ciência não é, portanto, a inovação reiterada, mas sim a iteração e a variação de um núcleo fundamental metodológico-sistemático, que é exposto de forma nova e diferente a cada vez. A forma de recepção e interpretação adequada à fatura variável da doutrina da ciência em suas exposições tardias também não é, por isso, a consideração isolada de versões individuais, mas a consideração comparativa da constituição em série da obra capital da vida de Fichte. O objetivo é constituir o “espírito” (ou “modo de pensar”) por trás da “letra” variável e deliberadamente variada por Fichte, espírito que não apenas une as doze versões tardias entre si, mas também conecta as primeiras versões às tardias.

A monotemática marcante e a monotonia monumental, que caracterizam o conjunto de exposições tardias da doutrina da ciência, refletem a preocupação central do Fichte tardio em transmitir, de forma sempre nova e fresca por meio da apresentação oral, as visões fundamentais – ainda não suficientemente comunicadas efetivamente pelas primeiras exposições – sobre a constituição transcendental do saber, incluindo a funcionalidade fundamental de seu portador (sujeito) assim como de seu objeto [*Gegenstand*] (objeto) [*Objekt*]. Nisto, não são os detalhes doutrinários que sofrem alterações nas versões tardias em comparação com as primeiras versões. Em vez disso, são as linhas gerais e os pontos de vista gerais da doutrina da ciência como um todo que devem ser transmitidos ao público propriamente reunido – sob a renúncia da forma essencialmente deturpante e potencialmente falsificadora da comunicação escrita (impressa).

A intenção comum das exposições tardias da doutrina da ciência de provocar uma mudança espiritual geral no público ouvinte e de introduzi-lo efetivamente à essência efetiva do saber também torna compreensível a validade contínua da versão impressa inicial da doutrina da ciência. Não se trata, para o Fichte tardio, de substituir ou mesmo superar a *Fundação de toda a doutrina da ciência* como tal, que foi concebida e executada a partir da forma escrita e em forma de livro. Em vez disso, trata-se de suplementar a insuperável conquista filosófica da *Fundação de toda a doutrina da ciência* com tais perspectivas e compreensões – a serem transmitidas oralmente – da teoria transcendental do saber, as quais situam o saber em sua posição central entre um momento absoluto que está em seu fundamento (“ser”, “o absoluto”, “Deus”) e que garante a validade incondicionada do saber, e uma esfera de objeto fundada no saber (“mundo dos sentidos”, “mundo dos costumes”), da qual o saber é saber.

No modo de exposição tardio de Fichte, estrategicamente motivado, escolhido visando a adequada mediação, o saber é a manifestação singular (“o aparecer” [*Erscheinung*]) do absoluto, assim como o mundo – em sua duplicidade como ordem fenomenal e noumenal de coisas e pessoas – é a realização constitutiva ou projeção transcendental (“o aparecer do aparecer” [*die Erscheinung der Erscheinung*]) do saber. Com isso, a doutrina da ciência de Fichte permanece sem exceção e até o fim um idealismo crítico. Tanto para o primeiro Fichte quanto para o Fichte tardio, o mundo junto com seus objetos só é no saber, através dele e para ele; o saber, por sua vez e como tal, não se funda em nada objetivo ou mundano, mas existe – é válido – puramente por si mesmo e a partir de seu fundamento próprio absoluto. Nada diferente já era de se inferir a partir da *Fundação de toda a doutrina da ciência*, mas em uma linguagem difícil (“eu absoluto”, “postulação”, “ação”), com uma condução de pensamentos altamente complexa (“dedução”, “dialética”) e com meios que puderam dar origem a mal-entendidos (“o eu”, “o não-eu”).

Entretanto, mesmo os meios que Fichte deliberadamente escolheu em suas exposições tardias da doutrina da ciência para comunicar a teoria crítica do saber (“doutrina da ciência”) não estão livres de conotações enganosas e possíveis interpretações errôneas. Em particular, o recurso, apenas aparentemente totalmente afirmativo, a termos e temas das posições de Jacobi e Schelling, desenvolvidas em diálogo crítico com a primeira doutrina da ciência, tem repetidamente e até hoje dado a impressão de que, a partir de 1800, Fichte seguiu a linha da filosofia da vida pré-racional de Jacobi ou da filosofia do absoluto quase spinozista de Schelling – como se o idealista crítico dos anos de Jena tivesse se tornado o metafísico neodogmático do ser absoluto ou mesmo o místico neoplatônico da vida absoluta. No entanto, essa leitura do Fichte tardio desconhece a continuidade temática e doutrinária – e, portanto, a identidade essencial – entre as primeiras versões, egologicamente formuladas, e as versões tardias da doutrina da ciência, que, por razões estratégicas, são ornadas e articuladas em termos da teoria do absoluto, da metafísica do ser e da filosofia da vida.

Para evitar leituras redutoras e falsificadoras da doutrina da ciência, é necessário, portanto, ler as exposições tardias, consideradas tanto individualmente quanto como um todo, em comparação com a primeira e única exposição impressa da doutrina da ciência, assim como, inversamente, o caminho para o conhecimento e a familiaridade com as exposições tardias da doutrina da ciência deve começar com um estudo da obra por meio da qual Fichte atuou de maneira mais impressionante e duradoura sobre o desenvolvimento pós-kantiano da especulação filosófica, a *Fundação de toda a doutrina da ciência*. Para a apreensão filosófica da doutrina da ciência, vale aqui, sem exceção, um insight metodológico-metafilosófico fundamental, que já se encontra na primeira “doutrina da ciência impressa” (GA II/12:135): “A doutrina da ciência é de tal espécie que não pode ser comunicada pela mera letra, mas exclusivamente pelo espírito [...]” (GA I/2:415).

Referências bibliográficas

- Baumanns, Peter 1990. J. G. Fichte. Kritische Gesamtdarstellung seiner Philosophie. Freiburg/München.
- Brüggen, Michael 1979. Fichtes Wissenschaftslehre. Das System in den seit 1801/02 entstandenen Fassungen. Hamburg.
- d'Alfonso, Matteo Vincenzo 2005. Vom Wissen zur Weisheit. Fichtes Wissenschaftslehre 1811. Amsterdam/New York.
- Fichte, Johann Gottlieb 1962-2012. Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften hg. v. Reinhard Lauth u.a. Stuttgart-Bad Cannstatt.
- Guérout, Martial 1930. L'évolution et la structure de la Doctrine de la science chez Fichte. 2 Bde. Paris.
- Janke, Wolfgang 2009. Die dreifache Vollendung des Deutschen Idealismus. Schelling, Hegel und Fichtes ungeschriebene Lehre. Fichte-Studien-Supplementa 22. Amsterdam/ New York, NY.
- Jantzen, Jörg, Thomas Kissner und Hartmut Traub (Hg.) 2005. Grundlegung und Kritik. Der Briefwechsel zwischen Schelling und Fichte 1794-1802. Fichte-Studien 25. Amsterdam und New York.
- Klotz, Christian 2002. Selbstbewußtsein und praktische Identität. Eine Untersuchung über Fichtes Wissenschaftslehre nova methodo. Frankfurt/M.
- Lauth, Reinhard 1967. Die erste philosophische Auseinandersetzung zwischen Fichte und Schelling 1795-1797. Zeitschrift für philosophische Forschung 21, 341-367.
- Lauth, Reinhard 1974. Die zweite philosophische Auseinandersetzung zwischen Fichte und Schelling über die Naturphilosophie und die Transzentalphilosophie und ihr Verhältnis zueinander (Herbst 1800 - Frühjahr 1801). Kant-Studien 65, 397-435.
- Leon, Xavier 1922. Fichte et son temps. 2 Bde. Paris.
- Radrizzani, Ives 1993. Vers la fondation de l'intersubjectivité chez Fichte. Des Principes à la Nova Methodo. Paris.
- Schlösser, Ulrich 2001. Das Erfassen des Einleuchtens. Fichtes Wissenschaftslehre von 1804. Berlin.
- Stolzenberg, Jürgen 2005. „Fichtes Willenslehre“. In: Fichtes praktische Philosophie. Eine systematische Einführung, hg. v. Hans Georg von Manz und Günter Zöller. Hildesheim, 93-110.
- Taver, Katja V. 1999. Johann Gottlieb Fichtes Wissenschaftslehre von 1810. Versuch einer Exegese. Amsterdam/Atlanta, Ga.
- Weiß, Michael B. 2018. Leben als Leben. Johann Gottlieb Fichtes späte Wissenschaftslehre. Würzburg 2018.
- Zöller, Günter 1998. „Das Element aller Gewissheit.“ Jacobi, Kant und Fichte über den Glauben. Fichte-Studien 14, 21-41.
- Zöller, Günter 1998a. Fichte's Transcendental Philosophy. The Original Duplicity of Intelligence and Will. Cambridge.

Zöller, Günter 1999. „Einheit und Differenz von Fichtes Theorie des Wollens“. *Philosophisches Jahrbuch* 106, 430-440.

Zöller, Günter 2000. „Denken und Wollen beim späten Fichte“, *Fichte-Studien* 17, 283-298.

Zöller, Günter 2001. „Leben und Wissen. Der Stand der Wissenschaftslehre beim letzten Fichte“. In: *Der transzentalphilosophische Zugang zur Wirklichkeit. Beiträge aus der aktuellen Fichte-Forschung*, hg. v. Erich Fuchs, Marco Ivaldo und Giovanni Moretto. Stuttgart-Bad Cannstatt, 307-330.

Zöller, Günter 2003. „Das Absolute und seine Erscheinung. Die Schelling-Rezeption des späten Fichte“. *Jahrbuch des deutschen Idealismus/Yearbook of German Idealism* 1, 165-182.

Zöller, Günter 2003a. „'On revient toujours' Die transzendentale Theorie des Wissens beim letzten Fichte“. *Fichte-Studien* 20, 253-266.

Zöller, Günter 2006. „Fichte in Berlin in München. Eröffnungsvortrag des Präsidenten“. In: *Fichtes letzte Darstellungen der Wissenschaftslehre. Beiträge des Fünften Internationalen Fichte-Kongresses München 2003*, hg. v. Günter Zöller und Hans Georg von Manz, Bd. 1. *Fichte-Studien*, Bd. 28. Amsterdam und Atlanta, GA, 1-14.

Zöller, Günter 2006a. „Fichte, Schelling und die Riesenschlacht um das Sein“. In: *Fichte in Berlin. Spekulative Ansätze einer Philosophie der Praxis*, hg. v. Ursula Baumann. Hannover, 93-110.

Zöller, Günter 2009. „Die Sittlichkeit des Geistes und der Geist der Sittlichkeit. Fichtes systematischer Beitrag“. In: *Geist und Sittlichkeit. Ethik-Modelle von Platon bis Levinas*, hg. v. Edith Düsing, Klaus Düsing und Hans-Dieter Klein. Würzburg, 217-238.

Zöller, Günter 2013. *Fichte lesen*. Stuttgart-Bad Cannstatt.

Zöller, Günter 2014. „Life Into Which An Eye Has Been Inserted. Fichte on the Fusion of Vitality and Vision“. *Rivista di Storia della Filosofia* 69, 601-617.

Zöller, Günter 2016. „Fichtebilderverbot. Historische und systematische Überlegungen zum philosophischen Umgang mit Fichtes Texten“. In: *Bild, Selbstbewusstsein, Einbildungskraft*, hg. v. Alexander Schnell und Jan Kuneš. *Fichte-Studien* 42. Leiden/Boston, MA, 217-234.

Zöller, Günter 2018. „System und Leben. Praktische Philosophie beim späten Fichte“. In: *Kant und der Deutsche Idealismus. Systemkonzeptionen im Horizont des Theismusstreites (1811–1821)*, hg. v. Christian Danz, Jürgen Stolzenberg und Violetta Waibel, Hamburg, 97-116.

Zöller, Günter 2020. „Johann Gottlieb Fichte“. In: *Grundriss der Geschichte der Philosophie*, urspr. hg. v. Friedrich Ueberweg, vollst. neue Ausg. hg. v. Helmut Holzhey. *Die Philosophie des 19. Jahrhunderts*, koord. v. Helmut Holzhey und Wolfgang Rother, Bd. 1/1-3: Deutschland, hg. v. Gerald Hartung, Bd. 1/1. Basel, 109-137.